

ENTREVISTA | CRISTINA ACHÉ

ATRIZ E ARTESÃ

'A gente só consegue enxergar uma trajetória depois que ela já aconteceu'

RODRIGO FONSECA Especial
para o Correio da Manhã

Predicados de diva, Cristina Aché tem aos montes: da beleza digna de Helena de Troia ao modo inquieto de investigar as inquietações existenciais ligadas à força feminina. Logo que apareceu, despontando na telona, no início da década de 1970, virou musa. Só que rótulos achatam quem tem grandeza. E Cristina é grande... das nossas maiores atrizes. Espécie de Monica Vitti dos trópicos, ela refutou taxonomias, abriu mão dos adjetivos mais imediatistas. Estudou e buscou novas veredas. Mas deixou sua marca. Basta ver qualquer um dos títulos reunidos pela Caixa Cultural do Rio de Janeiro, sob a curadoria de Rogerio Cavalcante e Castro e produção de Talles Reis, para a retrospectiva de Aché que começa nesta terça-feira, para perceber como o talento dela salta aos olhos, num modo de atuar delicado e reflexivo.

O evento, que vai até 26 de julho de 2026, foi atrás dos 24 filmes que ela rodou de 1973 a 2008, antes de se desligar do cinema e zarpar para uma vida de artesanato, trabalhando com tecidos na Região Serrana. A lista de longas em projeção na Caixa traz blockbusters ("Os Sete Gatinhos"), cults que foram aplaudidos em Cannes ("Chuvas de Verão") e pérolas de seiva modernista ("O Homem do Pau-Brasil"), ressaltando parcerias com realizadoras/es de alto quilate inventivo. Quase todo dia da retrospectiva tem um bate-papo com artistas de prestígio. Na abertura, neste 30 de junho, ela e o cineasta Bruno Barreto revisitam "Amor Bandido" (1979), um thriller on the rocks.

No papo a seguir, Cristina di-



Cristina Aché vive hoje na Região Serrana onde se dedica a trabalhar com tecidos artesanais

mensiona ao Correio da Manhã o que significa reviver uma estrada de tantos acertos e de tanta encantaria.

Sua filmografia impressiona pela qualidade de bons filmes e também pela diversidade das personagens que você encarnou. Como é que as suas escolhas profissionais foram fei-

tas? O quão consciente foi esse percurso artístico que, como a mostra comprava, é notável?

Cristina Aché - Acho que nada acontece por uma razão só, até porque eu sempre fui uma pessoa muito crítica. Eu tive o privilégio de poder escolher muitas coisas boas porque, quando comecei, não existia essa quantidade de jovens

atrizes que existe hoje. Não tinha tanta gente querendo botar a cara na tela. Também tive a sorte de me aproximar cedo de cineastas muito importantes e de conviver com gente extremamente talentosa. A gente só consegue enxergar uma trajetória depois que ela já aconteceu.

Em que momento dessa trajetória bateu aquela

certeza "agora eu sou uma atriz"?

Depois do meu primeiro filme. Eu ainda era estudante e não me considerava atriz. Quando fui chamada para fazer o segundo, percebi que precisava estudar. Comecei a fazer cursos e me aproximei do teatro. Logo fui encontrando pessoas fundamentais na minha formação. Tive muita sorte nesse sentido.

Felipe Haua/Divulgação